



Oculum Ensaaios

ISSN: 1519-7727

sbi.ne\_oculumensaios@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Brasil

da Silva Janjullo, Maristela  
BANGALÔ – SUBÚRBIO: A CIRCULAÇÃO INTERCONTINENTAL DE UMA NOVA CULTURA DA  
HABITAÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX  
Oculum Ensaaios, núm. 13, 2011, pp. 46-58  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351732215004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**BANGALÔ – SUBÚRBIO: A CIRCULAÇÃO INTERCONTINENTAL DE UMA NOVA CULTURA  
DA HABITAÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX | Maristela da Silva Janjullo**

Doutoranda | Universidade de São Paulo | Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
Av. Trabalhador São-Carlense, 400, 13566-590, São Carlos, SP, Brasil  
*E-mail: marijan@sc.usp.br*

# **BANGALÔ – SUBÚRBIO: A CIRCULAÇÃO INTERCONTINENTAL DE UMA NOVA CULTURA DA HABITAÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

## **INTRODUÇÃO**

Introduzido como um fenômeno de massa, o bangalô baseou-se em uma imagem burguesa do mundo — um ambiente separado, privatizado. Como parte da reação à cidade, houve a mudança para casas unifamiliares, predominantemente térreas, no subúrbio [...] é o que o bangalô representa nos países ricos, industrializados, capitalistas do ‘Norte’. Simultaneamente, no assim chamado mundo em desenvolvimento do ‘Sul’, na Ásia, África e América Latina, a introdução do ‘moderno’ bangalô resultou da penetração nestes países da economia de mercado e de gostos, estilos e padrões de vida ‘ocidentais’ ou ‘burgueses’. A forma moderna de se morar, da qual o ‘bangalô europeu’ foi uma forma preliminar e os subúrbios, o cenário, com o consumo de bens em uma economia em expansão, contrasta com o ambiente tradicional que gradualmente substitui (King, 1995, p. 260).

Para entender esse estilo de vida e a domesticidade que se impõe, é necessário compreender a emergência da economia e cultura globalizadas.

Novos mercados eram necessários para os produtos das indústrias, que se sofisticavam a partir da década de 1880. Novos sistemas de produção e infraestrutura tornavam-se necessários nas regiões provedoras de matérias-primas. Multiplicavam-se as demandas do mercado internacional e assim multiplicavam-se também os negócios. Com a revolução tecnológica,

particularmente nos meios de transporte, as cidades tornaram-se muito semelhantes. Cidades cujas elites locais concentravam-se em áreas residenciais afastadas reproduziam, nos países em desenvolvimento, a estrutura urbana e o estilo de morar dos países desenvolvidos.

As principais condições para a criação dessa cultura urbana surgiram nas três décadas anteriores a 1914. Por todo o mundo, as novas tecnologias estavam sendo introduzidas, assim como circulavam ideias sobre sanitarismo, habitação, planejamento e saúde. Uma nova cultura, que se expressava não apenas em termos econômicos, sociais e políticos, mas também espaciais, deixava sua marca nas cidades e na maneira de viver de seus habitantes.

Nos países da América Latina, estreitavam-se os laços econômicos com os grandes países industrializados. A economia se transformava, ocorrendo a assimilação de gostos, estilos e padrões de vida burgueses<sup>1</sup> importados.

A antiga estrutura demográfica alterava-se quantitativa e qualitativamente. Surgiam novas possibilidades de ascensão social. O fenômeno social mais marcante e significativo dessas cidades foi o crescimento e transformação das classes médias<sup>2</sup>, que foram as principais responsáveis pela renovação das formas de vida urbana.

### O BANGALÔ: DA ÍNDIA À INGLATERRA

A palavra “bungalow”<sup>3</sup> originalmente se referia a um tipo de habitação colonial do leste da Índia: uma casa térrea, com cômodos bem ventilados abertos para um *hall* central arejado, com telhado pouco inclinado e varandas em todas as fachadas.

Esse tipo de habitação migrou para a Inglaterra. Até aproximadamente 1914, o bangalô<sup>4</sup> situava-se na área rural: tomando a aristocracia como exemplo, as classes média e alta urbanas procuraram um refúgio no campo. A segunda casa<sup>5</sup> permitia fugir não apenas do ar poluído e das condições degradadas das cidades, mas também do *stress*, da rotina e das convenções da vida urbana.

No início, essa segunda casa seria utilizada temporariamente no verão, e, a partir dos anos 1880, também para o *weekend*<sup>6</sup>. A “fuga da cidade” aliava-se ao ideal da “simplificação da vida”<sup>7</sup>.

Porém, na primeira década do século XX, muitas áreas do campo tornaram-se subúrbios das cidades, e a “síndrome da volta à natureza” passou a aplicar-se à casa do subúrbio, de onde todos os dias se vai e se volta do trabalho. O bangalô faz parte desse contexto, tornando-se a habitação característica do subúrbio, onde habitam famílias cada vez menores, resultantes de uma impressionante queda na taxa de natalidade na Grã-Bretanha no período 1890-1910 (King, 1995, p.126).

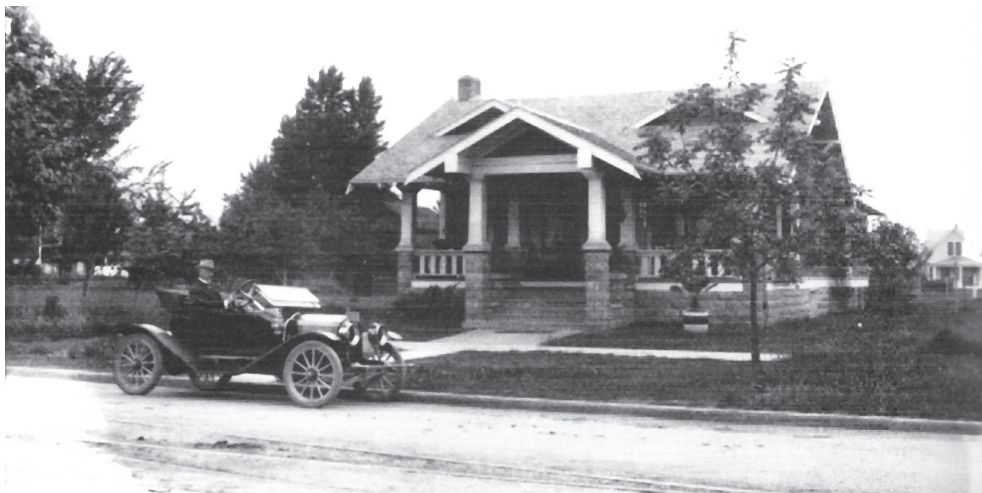
### ESTADOS UNIDOS

Se as origens do bangalô moderno estão na Inglaterra, foi nos Estados Unidos que ele se desenvolveu plenamente, chegando através de conexões que incluíam livros, jornais e revistas<sup>8</sup>, a partir do início do século XX, e principalmente após 1905. Dezenas de livros e

artigos eram publicadas sobre o bangalô, além de periódicos técnicos e novas revistas destinadas à classe média, como *House and Garden*, *House Beautiful*, *Ladie's Home Journal*<sup>9</sup> e *Keith's Beautiful Homes Magazine*.

Entre as revistas, destacava-se *The Craftsman*, que divulgava o movimento social e estético *Arts and Crafts*<sup>10</sup>. No início do século XX, o movimento *Arts and Crafts* americano,<sup>11</sup> de maneira informal, adotou o bangalô como a casa *Craftsman* ideal<sup>12</sup>, conforme implícito no próprio subtítulo da revista: “uma revista mensal ilustrada para a Simplificação da Vida”.

Nos Estados Unidos, essa forma de habitação também marcou presença na configuração do subúrbio moderno, como na Inglaterra. Anteriormente acessíveis apenas às classes de maior poder aquisitivo, os subúrbios tornaram-se uma realidade para a classe média, com grandes e lucrativos investimentos na sua criação. A seguir, a produção em massa do automóvel tornou ainda mais atraentes esses locais (Figura 1).



**FIGURA1** — O binômio bangalô-automóvel, já presente em 1912 nos Estados Unidos.  
**Fonte:** Kreisman e Mason (2007, p.180).

Apesar de existir em grande número na costa leste e no meio oeste, foi na Califórnia que a “explosão suburbana” aconteceu<sup>13</sup>: Los Angeles, no início do século XX, tornou-se o protótipo da metrópole fragmentada, com milhares de habitações unifamiliares espalhadas por seus subúrbios. O típico bangalô californiano era feito em madeira, pintado nas cores verde, marrom ou cinza. Internamente, uma das características mais marcantes era a planta aberta: a sala de estar, ligada por um arco à de jantar, tornou-se o centro da vida familiar: “Se a sala de estar informal não se originou com o bangalô, ali ao menos desenvolveu todo seu potencial, [...] tornou-se o núcleo, o coração da casa, ordenando sua pulsação e o fluxo de vida que a animava. [...] o estar normalmente se abria para a varanda ou terraço, para onde suas funções eram transferidas quando o tempo permitia”(Lancaster, 1985, p.241).

Nos livros de bangalôs, como o de Wilson (2006), havia exemplares com características externas diversas, confirmando que esse tipo de habitação não se constituía em um “estilo”, com determinados estilemas<sup>14</sup> a serem reproduzidos, mas em um tipo de habitação

informal, simples, confortável, de baixo custo e adequado a seu morador. Poderia ter diferentes conformações externas, de acordo com o local a ser construído, procurando inspiração na arquitetura vernácula, ou em apenas uma tradição criada, um passado reinventado<sup>15</sup>.

Era, pois, uma maneira moderna de viver no início do século XX, materializada no subúrbio: um novo estilo de vida da classe média, centrado na família nuclear.

## BRASIL

Em São Paulo, também a formação de subúrbios se iniciou no final do século XIX. “Em 1890 [...] São Paulo já começara a expandir-se em todas as direções, a partir de sua colina central<sup>16</sup> [...] a noroeste, a zona de chácaras subdivididas de Santa Efigênia e Campos Elíseos claramente denunciava então a cultura e os interesses urbanos da elite em ascensão [...]” (Morse, 1970, p.355).

A ocupação do espaço além do triângulo central, pela alta burguesia, se deu a partir de Higienópolis<sup>17</sup> em direção à Avenida Paulista<sup>18</sup>, no espigão, para prosseguir pelas vertentes a sudoeste até os Jardins, acompanhando a ascensão de “uma elite imigrante, industrial e comercial, destituída de tradições [...]”. Ilustra também como o ideal de uma classe de lazer tranqüila, culta, afrancesada, implícito no nome ‘Campos Elíseos’, cedia o lugar à imagem anglo-saxônica de uma plutocracia dinâmica, trabalhadora, endinheirada, dedicada ao lar, e dada aos esportes e ao conforto — imagem popularizada pelo urbanismo de Barry Parker” (Morse, 1970, p. 357)<sup>19</sup>.

A “expansão concêntrica (de São Paulo) ocorreu com grande rapidez através da atuação de transações particulares e companhias de loteamento com fins lucrativos, sem os auspícios de regulamentações de zoneamento ou qualquer plano controlador” (Morse, 1970, p.355). Às companhias loteadoras juntou-se a atuação das concessionárias de serviços públicos.

A *Light*<sup>20</sup> teve o monopólio de vários serviços públicos, como a iluminação das ruas e o transporte urbano, tornando-se a companhia um “Estado dentro do Estado” (Pereira, 2002, p. 92). Foi o maior agente especulador, tendo o poder de manipular a valorização do solo urbano em associação com particulares, inclusive com grande parcela da elite paulista, e comprometeu o desenvolvimento da cidade, criando partes desconexas (Sevcenko, 2003, p. 122).

Foram criados novos bairros elegantes para as famílias de classe alta que haviam abandonado os centros tradicionais, saturados desde o final do século XIX com atividades comerciais e administrativas. Na década de 1920, os novos loteamentos foram divulgados nas primeiras páginas dos grandes jornais, agora acompanhados dos anúncios de outro produto — o automóvel norte-americano.

A Companhia *City* foi a mais importante urbanizadora em São Paulo nesse período, com loteamentos destinados às classes abastadas. O Jardim América, primeiro subúrbio-jardim da cidade, foi criado nos anos 1910. O arquiteto inglês Raymond Unwin começou a desenvolver a planta do loteamento, depois retomada por seu colega Barry Parker. Ambos mantiveram uma sociedade até 1914 e, juntos, planejaram a primeira cidade-jardim, Letchworth, em 1902<sup>21</sup>.

O Jardim América foi implantado em terrenos planos, pertencentes à planície de inundação do Rio Pinheiros. Sem grandes atrativos naturais, haveria a necessidade de criá-los, através de um traçado interessante, misto de composição clássica e pinturesca. As ruas curvas adicionavam certa variedade ao desenho, calcado em eixos ortogonais e diagonais, de inspiração barroca; formava-se um desenho quase simétrico “quebrado” por ruas curvas, criando vistas interessantes e recantos que faziam do bairro um refúgio na cidade:

As grandes avenidas bem arborizadas, extensos gramados em diversos formatos para recreação do público [...] dão ao jardim América uma aparência sugestiva e peculiar às residências dos Anglo-Saxões do outro lado do Atlântico. É verdadeiramente pitoresco e encantador o local e o único jardim do gênero existente no Brasil (THE CITY OF SÃO PAULO IMPROVEMENTS & FREEHOLD LAND, 1923, texto de apresentação).

Casas localizadas no centro do lote e cercadas por jardins já existiam na cidade, porém de forma isolada, com algumas casas, em algumas ruas e avenidas. No entanto, todo um bairro planejado dessa forma, em que havia toda uma permeabilidade visual (Andrade, 1998, p.248), possibilitada ainda pela limitação na altura dos muros laterais — dois metros —, era uma novidade no conjunto da cidade. Era uma nova forma de morar, associada às cidades-jardins inglesas e aos subúrbios anglo-americanos do século XIX e início do XX.

Nas “cláusulas das servidões para o uso dos terrenos” (Andrade, 1998, p.247) que regulamentavam as construções no Jardim América, provavelmente elaboradas por Barry Parker, eram especificados os recuos em todas as laterais da casa, isolando-a no centro do lote<sup>22</sup>.

O padrão dos loteamentos da Companhia *City* foi tão bem recebido, que empreendimentos das concorrentes passaram a incorporar as características do bairro-jardim, como o Jardim Europa, implantado em 1921.

A arquitetura do Jardim América representou um novo padrão de moradia. Apesar da aparência externa bastante variada, se outro aspecto for levado em consideração, ela constituiu uma unidade: é uma nova forma de morar — moderna —, para a qual o bangalô foi um dos modelos, e os subúrbios, o cenário. Um novo estilo de vida assimilado pela classe média, que se expandia e comprava sua casa própria no novo bairro, que se tornará símbolo de elegância, pois o Jardim América não era um bairro de elite, ao menos em seus primeiros tempos<sup>23</sup>. A classe média encontrou ali seu refúgio, financiado pela própria Companhia *City*.

A crônica da época já tratava dessa arquitetura de classe média, bastante variada: “Na arquitetura, o *Art Nouveau* já morrera. Construtores licenciados faziam modestas moradias enfeitadinhas [...]. Procura-se restaurar, sem sucesso, o estilo colonial mal imitado. [...] Mas interessantes eram agora as residências “bungalow” com “bow windows” e confortáveis mobílias “chippendale”, cômodas poltronas de couro, tapetes grossos, paredes e tetos lisos, um quadro e uns pratos na parede”<sup>24</sup>. Eram casas simplificadas, mas confortáveis. Bangalôs ou sobrados bem iluminados por várias janelas, abertos aos jardins, sempre presentes, pois houve uma libertação dos limites do terreno<sup>25</sup>.





**FIGURA 2** – Casa na Rua Equador, Jardim América.

**Fonte:** Álbum Jardim América.

Exemplo disso é a casa projetada pelo arquiteto Adhemar de Moraes<sup>26</sup>, na Rua Equador (Figura 2). A varanda constitui um espaço de transição entre o interior e o exterior: o jardim começa aí, com floreiras e suportes para as plantas, que criavam uma moldura no acesso à casa. Existe um caramanchão no jardim, outro espaço de estar e fruição. O viver de forma mais simples e em contato com a natureza se transfigura no habitar uma residência unifamiliar, isolada em um lote no subúrbio, em meio a um jardim doméstico<sup>27</sup>, cenário perfeito para se viver em torno da família, distante do barulho, da poluição e das multidões.

Inúmeros álbuns de bangalôs e revistas dirigidas ao público leigo auxiliavam as futuras moradoras a escolher a casa ideal, para família menor que a de poucas décadas atrás.

Em muitas dessas casas, a sala de estar, ligada por um arco à sala de jantar, substituiu a antiga e enclausurada sala de visitas, como também ocorrera nos Estados Unidos. Nos dias quentes, a varanda atuava também como ambiente de estar. O próprio jardim apresentava equipamentos para favorecer a permanência, constituindo-se em outro ambiente onde a família se reunia. Na copa, eram feitas as refeições mais informais, que predominavam.

Trata-se de uma nova cultura ligada à moradia, um estilo de vida centrado na família nuclear, adotado pela classe média. A família, vista como base do sistema social e sua instituição mais importante, era tida como fonte e solução da maioria de seus problemas<sup>28</sup>.

“Os segmentos médios foram, em São Paulo, o público-alvo predileto dos conselhos e campanhas publicitárias que previam o enfraquecimento da sala de visitas como zona de representação social e o seu fortalecimento como área de convívio familiar, íntimo e confortável, segundo o modelo inglês do *living room*” (Carvalho, 2008, p.165).



O conforto dos moradores passou a ser a prioridade, e não a exibição da casa a pessoas estranhas à família: “A casa em que moramos é justamente aquela que nos deve merecer o maior cuidado, não pela vaidade de apresentarmos a quem nos visita instalações bizarras ou luxuosas, demonstrando preocupações exibicionistas, senão porque o arranjo cuidadoso, quer exterior, quer interior da nossa habitação, tem uma justificativa imperiosa no facto de ser ali que vivemos dois terços da existência [...]” (A Casa, 1928, p.17).

A Casa<sup>29</sup> (Figura 3) foi uma das principais revistas que serviram de modelo à classe média na definição da moradia. Na revista, a casa é sempre definida como “o lar,” o local ideal para a existência<sup>30</sup>: um refúgio na cidade, principalmente para o homem cuja “carga” deveria ser suavizada quando retornasse do trabalho.



**FIGURA 3** – O lar.  
**Fonte:** A Casa (1924a, p.33).

Os bangalôs são frequentemente mencionados na revista, ainda com o termo em inglês, *bungalows*. São mostrados como uma casa pequena, para um público médio, e geralmente vendidos em várias prestações, associando-se a um estilo americano de morar, moderno: “No Rio, como em São Paulo, o estylo americano com todos os seus requintes de conforto, foi introduzido, garantindo a victoria do typo ‘bungalow’ para a pequena moradia. Nas residências mais abastadas, em que o architecto pode com mais liberdade estylisar a construção, o ‘colonial’ venceu, e lindos edifícios podem ser hoje observados” (A Casa, 1925, p.11)<sup>31</sup>.

O crescimento da classe média no Brasil e o incremento da propriedade individual da casa podem ser constatados pela quantidade de anúncios de casas e terrenos vendidos em prestações. De outro lado, loteamentos nos subúrbios tornam-se possíveis graças aos novos meios de transporte público<sup>32</sup>.

Pode-se perceber, inclusive, a tentativa de transmissão desse ideal às classes menos abastadas, não apenas à classe média<sup>33</sup>, como no anúncio (Figura 4) de lotes pagos em prestações mensais, no “aprazível bairro do Andarahy”, em que é mostrada uma imagem idílica de uma casa no subúrbio, em meio ao jardim, onde brinca uma criança.



**FIGURA 4** – Ilustração da revista, com anúncio de lotes no bairro do Andaraí.  
**Fonte:** A Casa (1924b, p.4).

## CONCLUSÃO

Da Inglaterra aos Estados Unidos, da América ao Brasil, observa-se, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a circulação de padrões burgueses de habitação, com ambientes privados, contrapostos ao espaço público das novas metrópoles.

Tais ideias transitam entre os continentes e são apropriadas nos diversos locais a que chegam, como a parceria subúrbio-bangalô, presente nas grandes cidades, em uma espécie de reação aos efeitos que a intensa urbanização trouxera. Contrapondo-se à efervescência da vida nas ruas, criam-se esses “refúgios”, onde ainda seria possível uma vida “simples”, mas confortável e moderna. São refúgios abertos a jardins e fechados à cidade, próprios para seu “novo” habitante, morador de pequenas casas e recluso em seu subúrbio-jardim, o “oásis” na metrópole.

## NOTAS

1. Sobre a circulação das ideias relacionadas a essas formas modernas de vida (King, 1995, p. 259-263).
2. O acelerado desenvolvimento urbano após a guerra provocará a expansão do pequeno comércio nos centros mais importantes do país, assim como de pequenas indústrias. Há o aumento das antigas classes médias — pequenos comerciantes, artesãos, pequenos industriais, alfaiates, carpinteiros e sapateiros — e das novas classes médias, como funcionários públicos e assalariados. A urbanização ocorrerá simultaneamente ao crescimento da burocracia dos serviços públicos (Pinheiro, 1985, p.16).
3. Do hîndi banglâ, ou casa no estilo de Bengala.
4. A palavra *bungalow* (ou banggolo, com várias pronúncias) tem sido utilizada de várias formas, desde suas origens na Índia. Ali, para designar uma habitação para os colonizadores europeus, utilizaram-se critérios raciais, culturais e implicitamente políticos. Quando se transferiu à Inglaterra, na segunda metade do século XIX, o bangalô foi definido de diversas maneiras. A noção que prevalece hoje, de que o termo se refere a uma habitação térrea isolada, é muito simplificada. Inicialmente, quando foi introduzido, distinguia-se pela sua função, como casa para lazer e férias ou, algumas vezes, pelo seu tipo de construção (pré-fabricada ou não) e algumas vezes pelo seu desenho. Também pela sua localização — era uma casa para um local em particular: no campo, à beira-mar. Não é fácil estabelecer uma simples definição, indicando o que o termo significa. Na prática, na Europa e Estados Unidos referia-se a uma habitação isolada, às vezes com varanda, geralmente habitada por apenas uma família e locada em seu próprio terreno. Não era necessariamente térrea, no início (King, 1995, p.90).
5. Possível graças às novas ferrovias e, depois de 1900, também ao automóvel.
6. No Brasil, a ideia de passar o fim de semana junto à natureza também pode ser observada (Morse, 1970, p.358) expõe: “Na realidade o fim de semana em um chalé ou bangalô suburbano, assim como as férias no Guarujá, Campos do Jordão ou Poços de Caldas, tornou-se uma instituição fixa para aqueles que se podem permitir tal. Originalmente uma simples mania, que Hollywood muito contribuiu para popularizar, o “fim de semana” vem se tornando cada vez mais uma fuga necessária do torvelinho e das tensões da existência na cidade. Inverteu-se a tendência para menosprezar a vida e a quietude do campo, tendência esta evidente depois de mais ou menos 1880 [...]”
7. O movimento pela simplificação da vida estava basicamente ligado à classe média, pregando o valor da vida no campo e do trabalho na terra, ao ar livre.
8. Inclusive *The Studio*, que publicou um artigo do arquiteto R.A. Briggs em 1894. Este publicou o primeiro livro de projetos para bangalôs na Inglaterra, *Bungalows and Country Residences*, que teve cinco edições entre 1891 e 1901, contribuindo bastante para a difusão desse tipo de habitação em ambos os lados do Atlântico.
9. Prova de que as ideias difundidas por essas revistas americanas circulavam também no Brasil é o anúncio da revista brasileira *A Casa* (1929, p.5), sobre a *Ladies' Home Journal*. A revista brasileira representava a americana e as assinaturas poderiam ser obtidas escrevendo-se para a redação no Rio de Janeiro. Existem muitos paralelos entre os assuntos tratados pelas revistas nos EUA e por *A Casa*, como a casa de classe média. A esta não era reservado muito espaço nas revistas técnicas de arquitetura existentes aqui. Revistas mais antigas, como *A Revista Feminina*, apresentavam alguns conselhos sobre a casa, principalmente em relação à decoração, mas faziam parte de uma miscelânea de assuntos, como as atuais revistas femininas.
10. Movimento desenvolvido na Inglaterra, a partir dos anos 1880.
11. O movimento *Arts and Crafts* atingiu sua maior popularidade nos Estados Unidos, de forma mais pragmática, sem a carga ideológica da Inglaterra, onde se iniciara. Os americanos diluíram os ideais do movimento ao não se manterem fiéis às suas mais profundas aspirações. Apesar disso, os produtos alcançaram um público muito maior ali do que em qualquer outro país. Os Estados Unidos tinham uma classe média numerosa, e assim, as condições para o “faça-você-mesmo” do *Arts and Crafts* prosperar.
12. Na prática, o bangalô *Craftsman* é muito diferente do modelo original da Índia. Havia até mesmo bangalôs de dois pavimentos. (Weissman, 1988, p. vi)
13. A Califórnia oferecia o cenário perfeito. Seus recursos, além do clima, incluíam uma provisão enorme de terra barata, acessível graças ao bonde elétrico. A introdução desse tipo de transporte nos Estados Unidos, no final dos anos 1880, foi uma das causas do crescimento dos subúrbios.
14. Estilema é um termo utilizado para designar as características de um estilo. É imprescindível certo número de estilemas para a classificação de um determinado estilo. Em certos casos, encontram-se estilemas de diversos estilos em uma mesma obra, gerando uma composição eclética.
15. Como é o caso do estilo *Missiones*, nos Estados Unidos, ou mesmo o Neocolonial no Brasil.
16. A Vila Buarque foi criada em 1890 (Segawa, 2000, p.109).
17. Data de 1893 a criação do primeiro *cottage square* paulistano, o bairro de Higienópolis (Morse, 1970, p.357).
18. A abertura da Avenida Paulista ocorreu em 1891.
19. Um observador da época relata: “Vista do alto, a cidade é como um mar em toda a grandeza da sua vitalidade crescedora, expansionista [...] Desta periferia

- lançam-se para os campos e colinas fronteiras, ruas em esboços, gavinhas da colossal trepadeira a enramar e a se estender incessantemente; arcabouço dos novos bairros, Bom Retiro, Barra Funda, Vila Deodoro, Perdizes, Santana, etc. que o bonde elétrico, o telefone, a iluminação e a rede de esgotos vão incorporando gradualmente ao núcleo central, num trabalho inflexível de aglutinação e de apropriação definitivas (Passos & Emídio, 2009, p.38).
20. Sobre a *Light*, ver o artigo escrito por Victor da Silva Freire, “O Futuro Regimen das Concessões Municipais na Cidade de São Paulo”, publicado na Revista Polytechnica, n°60, X° volume, outubro de 1919, p. 259-334, onde o autor coloca que: “Graças à superioridade do seu jogo em relação ao meio, mercê do valor das suas cartas sobre o daquellas que a Prefeitura podia ter em mãos, conseguia a ‘Light’ ganhar a partida no momento em que se estabelecia em São Paulo [...] não sabermos, nem mesmo aproximadamente, a que serviço, a que conforto e commodidades nos dão direito, os preços que lhes estamos pagando”, nas páginas 314-315, referindo-se ao Contrato de 1899 para distribuição de energia e iluminação.
  21. O desenho de Parker, em relação ao anterior de Unwin, realizado em abril ou maio de 1917, alterou o traçado das ruas, porém manteve sua estrutura básica, aumentando ainda o número de jardins internos às quadras e definindo a divisão em lotes (Andrade, 1998, p.247).
  22. O Código Sanitário de 1918 influenciou de modo decisivo a implantação e a volumetria das residências desse período. Introduziu noções de higiene nas habitações, ao reconhecer os benefícios propiciados pela ação bactericida do sol. Eram recomendados cuidados especiais quanto à implantação das edificações no terreno e à orientação das janelas. Essa orientação evitaria também a incidência direta dos ventos úmidos que ocorriam na capital paulista em certas épocas do ano. Os afastamentos dos limites do lote permitiriam uma insolação mínima diária. As prescrições do código foram tão importantes, que muitas foram endossadas depois pelo Código de Obras de São Paulo (Lei n° 3.427, de 1929). Promulgado como Código Arthur Saboya em 1934, ele estabeleceu um novo padrão para as edificações residenciais paulistanas, pois definiu recuos mínimos frontais, laterais e de fundo a serem atendidos pelas construções particulares. As novas condições de afastamento entre as edificações, em busca de salubridade, sugerem certa influência dos critérios de implantação trazidos pelos loteamentos da Companhia City.
  23. O fato de a companhia vender os terrenos a prazo e também de conceder financiamentos para a construção tornou o loteamento acessível às camadas médias, compostas de profissionais liberais, funcionários de grandes empresas e comerciantes, entre outros. Estendiam-se, assim, a outras camadas sociais as possibilidades, antes restritas à elite, de morar em um bairro diferenciado.
  24. Embora a crônica não esteja datada, provavelmente seja de 1922, pois o livro, logo em seguida, traz uma crônica sobre a Semana de Arte Moderna (Americano [193-]).
  25. Essas casas menores e mais simples, de fácil manutenção, sem a necessidade de tantos empregados domésticos, tornaram-se possíveis devido ao fato de vários produtos alimentícios já serem beneficiados fora da casa, como doces, arroz, massas, pães, banha de porco, queijos e linguiças. Aliado a esse fator, houve o aparecimento de novos equipamentos para a casa, como os fogões a gás e posteriormente as geladeiras elétricas. Graças à expansão de vários tipos de serviços, como as entregas domiciliares de gêneros diversos — o leite, a manteiga, o pão — e as lavanderias que buscavam e entregavam as roupas, tornou-se possível a localização da moradia nesses subúrbios distantes do centro da cidade.
  26. O arquiteto era bastante conhecido à época. Sobre ele (Janjullo, 2009, p.291-305).
  27. Segundo Bruno (1984, p.1331): “O gosto pelos jardins particulares — que era de certa forma coisa tradicional em São Paulo — se desenvolveu e tomou novas orientações depois que as residências aristocráticas emigraram mais decisivamente do centro e suas adjacências para os bairros afastados em que houve mais espaço para cada casa. [...] mesmo em certas áreas afastadas e não aristocráticas, já em 1929 notava um observador o gosto pelo jardimzinho particular”.
  28. Havia a predominância da organização do tipo nuclear nas famílias paulistanas à época, reforçada pelo fato dos filhos deixarem a casa da família quando se casavam, para constituírem um domicílio independente (Carvalho, 2008, p.309).
  29. No *boom* das novas publicações dos anos 1920, surgiu a revista *A Casa*. Sua análise é importante, pois se trata da primeira revista destinada ao público leigo de classe média, e não apenas aos profissionais. Isso fica claro nas casas mostradas — de tamanhos pequeno ou médio —, sem a sofisticação dos palacetes das classes mais abastadas. Apesar de publicada no Rio de Janeiro, isso não invalida tal fonte documental, já que o alcance da publicação não ficava circunscrito à capital do país; *A Casa* era vendida em São Paulo e a cidade foi objeto de vários artigos. A importância da revista não se deve tanto aos edifícios e projetos mostrados enquanto produção vinculada a determinados arquitetos, mas como modelo para a moradia de classe média. Em grande parte dos projetos, a autoria não é nem mesmo explicitada. A revista foi criada em 1923, pelo arquiteto Ricardo Wriedt. A periodicidade era mensal e as tiragens, a princípio de 4 mil exemplares, em 1940 atingiram 8 mil exemplares. A revista recebia contribuições de vários estados.

30. É a mesma concepção de casa formulada na época vitoriana, como local para se proteger do tumulto, da violência e dos males sociais encontrados nas ruas. De forma mais ampla, corresponde à cultura burguesa da habitação. Nascido na burguesia e difundido entre as classes trabalhadoras e outros grupos sociais, o lar vitoriano significava estabilidade, ordem e paz, o contraponto às incertezas do mundo exterior em constante transformação, o ponto de equilíbrio possível entre as esferas pública e privada (Correia, 2004, p.34).
31. O Neocolonial é inicialmente utilizado em grandes casas, de arquitetos conhecidos, feitas para clientes abastados. No final da década de 1920, com maior frequência, o Neocolonial foi apropriado pela classe média (Janjulio, 2009, p.238).
32. Percebe-se aqui a ligação entre a questão da moradia e da circulação. Sem o acesso a transporte público, seria impossível a localização da moradia nos subúrbios (Correia, 2004, p.34).
33. No Brasil, esta já era uma intenção antiga: gerir a vida do trabalhador, tornando-o mais sedentário, saudável, regrado, ligado à família e apto ao trabalho. A moradia seria a base para um novo trabalhador, pois se acreditava que as condições do meio, no caso a habitação, poderiam regenerar indivíduos abatidos, afeitos à marginalidade pela convivência em ambientes caóticos, superlotados e sujos. Esse discurso se articulou em uma gigantesca campanha de higienização e moralização das classes pobres no Brasil, a partir da década de 1890, principalmente. Sobre a discussão da moradia do trabalhador, ver Correia (2004, p.23-46).

## REFERÊNCIAS

- AMERICANO, J. *São Paulo nesse tempo (1915-1935)*. São Paulo: Melhoramentos, [193-].
- ANDRADE, C.R.M. *Barry Parker: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo*. 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BRUNO, E.S. *História e tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1984. v.3.
- CARVALHO, V.C. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material — São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Fapesp, 2008.
- CORREIA, T.B. *A Construção do habitat moderno no Brasil — 1870-1950*. São Carlos: RiMa, 2004.
- JANJULIO, M.S. *Arquitetura residencial paulistana dos anos 1920: ressonâncias do Arts and Crafts?* 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.
- KING, A.D. *The Bungalow: the production of a global culture*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- KREISMAN, L; MASON, G. *The arts and crafts movement in the pacific Northwest*. Portland: Timber Press, 2007.
- LANCASTER, C. *The American bungalow: 1880-1930*. New York: Abbeville Press, 1985.
- MORSE, R.M. *Formação histórica de São Paulo (de Comunidade a Metrópole)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- PASSOS, M.L.P.; EMÍDIO, T. *Desenhando São Paulo: mapas e literatura, 1877-1954*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- PEREIRA, M.S. The Time of the Capitals: Rio de Janeiro and São Paulo: Words, Actors and Plans. In: ALMANDOZ, A. (Ed.). *Planning Latin America's Capital Cities 1850-1950*. London: Routledge, 2002. p.75-108.
- PINHEIRO, P.S. Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. In: FAUSTO, B. (Ed.). *O Brasil Republicano*. São Paulo: DIFEL, 1985. Tomo III, v.2.
- A CASA. Segadas & Cordeiro, n. 4, 1924a.
- A CASA. Segadas & Cordeiro, n. 8, 1924b.
- A CASA. Segadas & Cordeiro, n.16, 1925.
- A CASA. Segadas & Cordeiro, n.56, 1928.
- A CASA. Segadas & Cordeiro, n.68, 1929.
- SEGAWA, H. *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do Século XIX ao XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- THE CITY OF SÃO PAULO IMPROVEMENTS & FREEHOLD LAND. *Jardim América*. São Paulo, [s.n.], 1923.
- WEISSMAN, A. Introduction to the Dover Edition. In: STICKLEY, G. (Org.) *Craftsman bungalows: 59 homes from "The Craftsman"*. New York: Dover Publications, 1988. p.v-vi.
- WILSON, H. L. *The Bungalow book: floor plans and photos of 112 houses, 1910*. Mineola, N.Y.: Dover Publications, 2006.



## RESUMO

No limiar do século XX, novas questões sobre a vida moderna transitaram entre os países, nos vários continentes, como sanitarismo, habitação, planejamento e saúde. A circulação de novas ideias tornou-se possível, entre outros fatores, devido ao incremento do comércio internacional, que levou a vários tipos de trocas, de caráter comercial, científico, cultural e social. Com a expansão da economia, a urbanização acelerada e o crescimento das cidades, observa-se, no final do século XIX, a constituição de subúrbios em áreas rurais das grandes cidades. Um tipo de habitação originário da Índia — o bangalô — se consolidará como a habitação suburbana por excelência, constituindo um ambiente privatizado e planejado para a família nuclear, contraposto ao espaço público. O presente texto analisa a migração dessa cultura burguesa de habitação, primeiro da Inglaterra para os Estados Unidos, e depois para o Brasil, com foco na cidade de São Paulo. Com o crescimento acelerado da cidade, os subúrbios também se constituirão em solução para a localização da moradia, basicamente unifamiliar. Serão criados vários subúrbios-jardins voltados para as camadas médias, tendo como modelo o Jardim América, da Companhia City, o precursor, nos anos 1910.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura anos 1920. *Arts and Crafts*. Bangalô. Casa burguesa.

## ***BUNGALOW-SUBURBS: THE INTERCONTINENTAL CIRCULATION OF A NEW HOUSING CULTURE IN THE BEGINNING OF THE TWENTIETH CENTURY***

### ***ABSTRACT***

*In the beginning of twentieth century, new questions about modern life were moving from country to country, in the various continents. Sanitation, housing, planning and health are some of the subjects that were being discussed in the places they reached. This circulation of new ideas was possible, besides other causes, due to the increasing international trade, that led to various kinds of exchanges: commercial, scientific, cultural and social. With the rising economic growth, the expanding urbanization and the development of cities, suburbs arose in country areas in the end of the nineteenth century. A form of dwelling that came from India — the bungalow — becomes the characteristic urban house, a privatized environment, planned for the nuclear family, opposed to public space. This article analyses the migration of this bourgeois housing culture from Britain to the United States and then to Brazil, focusing on the city of São Paulo. With the increasing growth of cities, suburbs became the solution for housing location, mainly single-families. Many garden-suburbs were developed for the middle class, having as a model the precursor Jardim America from the company City, created in the 1910's.*

**KEY WORDS:** *Arts and Crafts*. 1920's architecture. Bungalow. Bourgeois house.



Artes Plásticas – Mix: Moderna casa, colagem no espaço.